

## Território e geografia agrária: Abordagens e perspectivas

João Emerson Cunha Silva<sup>1</sup>



10.56238/rcsv14n4-006

### RESUMO

O conceito de território, atualmente, possui cada vez mais centralidade no campo da Geografia, todavia como assevera Saquet (2020) essa centralidade só foi possível a partir do movimento de reelaboração do pensamento geográfico que ocorreu em nível internacional a partir dos anos 1950/1960/1970. Especificamente no campo dos estudos agrários, inicialmente, com o advento da Geografia Crítica e mais recentemente com os estudos culturais, o território vem sendo um elemento importante para muitos pesquisadores que se debruçam sobre diferentes temáticas da Geografia Agrária. Nesse contexto, a metodologia da pesquisa embasa-se na análise de conteúdo, conforme Bardin (2022), na análise de obras de autores da Geografia que tem voltado suas atenções para o estudo do território, notadamente, no campo dos estudos agrários. Na perspectiva dos resultados da pesquisa, destacamos a presença de uma ampla diversidade de concepções e abordagens teóricas do conceito de território a partir da ótica de inúmeros autores, fato que evidencia a diversidade de teorias geográficas que têm influenciado a discussão em torno do conceito de território no campo dos estudos agrários, notadamente reflexões vinculadas à perspectiva da geografia agrária crítica e dos estudos culturais.

**Palavras-chave:** Território, Geografia, Epistemologia.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande e Mestre em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (PPGG/UFPB), e-mail: jemersonsantosc@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

A trajetória do conceito de *território* na ciência geográfica é marcada pela presença de distintas vertentes, sendo necessário evidenciar que esses debates em torno do conceito estão articulados aos contextos sociais, políticos e culturais de cada período em associação com os múltiplos paradigmas que influenciaram a produção científica no campo da geografia.

Nesse contexto, cabe destacar que o território passa a ter maior centralidade no movimento de reelaboração do pensamento geográfico (1950-1970) que logrou romper com as abordagens positivista, neopositivista, pragmática, quantitativa e descritiva que estavam muito presentes na geografia regional francesa, a qual privilegiava o conceito de região em detrimento do conceito de território. (Saquet, 2020)

Essa conjuntura que deu maior centralidade ao território reverberou nos estudos sobre o campo com o advento da geografia agrária crítica, a qual teve como precursores, segundo Marques (2018), autores como Orlando Valverde e Manuel C. de Andrade. Posteriormente, outras correntes também trouxeram importantes contribuições no que diz respeito ao conceito de território nos estudos agrários, como é o caso das abordagens culturais, que obtiveram maior destaque a partir da década de 2000, como destaca Almeida (2008).

Nesse contexto, a influência das correntes crítica e cultural no âmbito da geografia agrária pode ser verificada nos próprios Simpósios Internacionais de Geografia Agrária (SINGA), eventos de grande importância para a geografia agrária que reúnem pesquisadores do Brasil e da América Latina, nos quais o conceito de território tem assumindo papel importante para embasar pesquisas que buscam analisar o agrário.

Diante disso, o trabalho que estamos desenvolvendo possui a seguinte problemática: quais as principais perspectivas teóricas que têm embasado a discussão em torno do conceito de território no campo da geografia agrária? Assim, essa problemática se articula com o objetivo geral da pesquisa que é analisar as abordagens do conceito de território no âmbito dos estudos agrários a partir das correntes de pensamento que têm influenciado esse sub-campo da Geografia.

Em relação à justificativa, destacamos que essa pesquisa pode trazer contribuições importantes em relação às principais abordagens do território no campo da Geografia Agrária. Ademais, a justificativa também relaciona-se à relevância social da pesquisa, a qual pode contribuir para a compreensão da base teórica das demandas territoriais reivindicadas por esses povos no campo, como os territórios de uso e ocupação tradicional e a identidade étnica como fator de alteridade e de garantia de direitos desses grupos.

No que tange à metodologia da pesquisa, construímos através de uma revisão de literatura, a partir de autores que discutem de modo aprofundado o conceito de território no campo da geografia,

como Claval (1999), Haesbaert (2019), Saquet (2020), Oliveira (2016b) e Almeida (2005), entre outros.

O trabalho está estruturado em três partes, na primeira é realizada uma breve discussão em torno da fundamentação teórica sobre o tema da pesquisa, na qual são evidenciados os autores e correntes de pensamento que têm trazido contribuições para os estudos territoriais. Na segunda parte, ilustraremos perspectivas de abordagem do território no campo da Geografia Agrária e, por fim, na última sessão do texto apresentaremos algumas considerações finais.

## 2 AS DIFERENTES ABORDAGENS DO CONCEITO DE TERRITÓRIO NA GEOGRAFIA

A trajetória do conceito de *território* na ciência geográfica é marcada pela presença de distintas abordagens e conceituações do que o constitui, sendo necessário evidenciar que esses debates em torno do conceito estão articulados aos contextos sociais, políticos e culturais de cada período em associação com os múltiplos paradigmas que marcaram presença na história do pensamento geográfico.

Nesse sentido, o território constitui-se como um conceito-chave da ciência geográfica, podendo também ser compreendido como uma categoria como analisa Souza (2009). Todavia, vale mencionar que segundo Saquet (2020) nem sempre o conceito de território teve destaque no pensamento geográfico, obtendo centralidade apenas após o movimento de renovação, em âmbito internacional, ocorrido a partir dos anos 1950.

Assim, é importante destacarmos que esse conceito foi definido ao longo da história do pensamento geográfico por distintos autores que vincularam sua conceituação teórica a diferentes dimensões da realidade objetiva, como nas esferas política, econômica e cultural. Essas definições propostas acerca do *território* também foram influenciadas pelos diferentes paradigmas que influenciaram a história da produção científica em geografia. De acordo com Haesbaert (2007), existem duas vertentes para o surgimento desse conceito, acerca de sua gênese destaca:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de tэрreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo -especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no "territorium" são impedidos de entrar. (Haesbaert, 2007, p. 20)

Assim, compreendida sua gênese, destacaremos alguns autores cujas reflexões do conceito de território assumem papel importante na produção acadêmica da geografia. Nessa perspectiva, um dos autores que abordam o conceito de território é o geógrafo Claude Raffestin (1993) que, além de conceituar especificamente o conceito de território, faz também uma diferenciação entre a noção de espaço e o próprio conceito de território. Para justificar tal procedimento, Raffestin (1993, p. 143)

afirma que ocorreram no interior da ciência geográfica uma série de inconsistências teóricas no uso dos conceitos, acerca dessa concepção, assevera:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço”. (Raffestin, 1993, p.143)

Assim, para Raffestin (1993), o espaço é um ente anterior ao próprio território, ele existe independentemente de qualquer ação, funciona como uma “matéria-prima” nas próprias palavras do autor. Destarte, o território, para sua existência, necessita obrigatoriamente da realização de uma ação, da projeção no espaço de trabalho, podendo ser energia e informação que revelam relações marcadas pelo poder.

Assim, Raffestin (1993) considera que o espaço funciona como uma prisão original e o território como uma prisão que os homens constroem para si. De acordo com Bordo et al. (2012), para Claude Raffestin, a construção do território envolve as relações de poder exercidas por pessoas ou grupos de pessoas, sem as quais o território não pode ser definido.

A perspectiva de distinguir território e espaço, assim como fez Raffestin, é realizada por outros pensadores que atribuem confusões em torno da utilização das duas categorias. Nesse contexto, Souza (2009) destaca que “Ocorre que para inúmeros autores espaço e território figuram como elementos distintos, porém, seus tratamentos, vez por outra, aparecem como sinônimos”. Diante disso, o autor tece um histórico da categoria espaço na história do pensamento geográfico e, dentro das distinções teóricas que ele estabelece entre território e espaço, o autor analisa que:

o espaço é uma projeção humana, objetivação da vida, como sentido de sua existência e os territórios são apropriações concretas exercidas por estas ações (práxis) que expressam dimensões materiais e imateriais. Esta perspectiva de associação entre território e apropriação não determina um apriorismo economicista. (Souza, 2009, p. 106)

Já Rogério Haesbaert (2007) concebe que o território, junto ao espaço, possui importância estratégica na dinâmica transformadora da sociedade, além de atribuir implicações políticas relacionadas à intervenção concreta da realidade e em estratégias de poder no que tange à discussão de multiterritorialidade.

Assim, a proposta conceitual de Haesbaert aponta para uma perspectiva multidimensional e multiescalar do conceito de território, em que ele é concebido como uma abordagem acerca do espaço que enfatiza as problemáticas de caráter político ou que envolvem a realização/manifestação das relações de poder em sua pluralidade de esferas. O conceito e a discussão efetuada por Haesbaert em

seu livro “O mito da desterritorialização” acerca do território possui elementos importantes para sistematização das perspectivas teóricas do conceito na geografia.

Assim, de acordo com Haesbaert (2019), o conceito de território pode ser agrupado em quatro vertentes básicas, a política, a cultural, a econômica e a “natural”. O trecho abaixo expressa detalhes das três primeiras vertentes, bem como as relações entre o território e as dimensões da realidade objetiva.

- política (referida às relações de espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do estado.
- cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.
- econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no debate entre classes sociais e na relação capital-trabalho... (Haesbaert, 2019, p. 40)

Essa classificação das vertentes proposta por Rogério Haesbaert em que o conceito de território vem sendo adotado também engloba a vertente interpretativa natural ou naturalista que, segundo o próprio autor, é mais antiga, possui pouca representatividade na produção das ciências sociais e trabalha com o território baseado nas relações sociedade-natureza. Ainda nesse âmbito de tentar compreender as vertentes do conceito, Haesbaert (2019) propõe outra forma de organizar o raciocínio acerca do território, entendendo as dimensões dentro da perspectiva filosófica das abordagens.

Desse modo, o autor analisa o território dentro dos binômios materialismo-idealismo e espaço-tempo. Assim, o binômio materialismo-idealismo seria fruto das perspectivas parciais de território (que enfatizam uma dimensão específica, como a econômica, a cultural, a política e a natural) e da integradora (que considera a análise conjunta das dimensões). Já dentro do binômio espaço-tempo, Haesbaert (2019) aponta a perspectiva relacional de território.

Outro autor que realiza uma ampla revisão e análise de literatura em torno do conceito de território é Marcos Aurélio Saquet, o qual, no livro “Abordagens e concepções de território”, analisa a história do conceito de território em nível internacional e nacional, com destaque para o detalhamento das trajetórias percorridas por esse conceito, tanto no âmbito da geografia, quanto no de outras ciências, como na economia e na sociologia.

Neste contexto, Saquet (2020) explana que a partir da reelaboração da ciência geográfica, em meados das décadas de 1950/1960 e 1970, foi possível identificar e caracterizar quatro tendências<sup>2</sup> ou ênfases centrais que envolvem a geografia, outras ciências sociais e a filosofia, as quais aglutinam estudos e debates sobre os *métodos de abordagem e sobre o conceito de território*, sendo uma centrada

---

<sup>2</sup> A fim de aprofundamento no conhecimento das quatro tendências com maiores pormenores, consultar Saquet (2020).

na discussão teórico-metodológica, outra baseada na compreensão da dimensão geopolítica do espaço, outra voltada para a explicação do desenvolvimento territorial, da reestruturação do capital e dos movimentos sociais e, por fim, a tendência semiológica.

A pesquisa efetuada por Saquet (2020), por outra vertente analítica<sup>3</sup>, detectou também a presença de mais quatro *tendências ou perspectivas* de abordagem do território que acabam se sucedendo ao longo do tempo e coexistindo em determinados períodos, inclusive, predominando em diversos países.

uma eminentemente econômica, sob o materialismo histórico e dialético [...] outra pautada na dimensão geopolítica do território [...] a terceira, dando ênfase às dinâmicas política e cultural, simbólico-identitária [...] centrada na fenomenologia e [...] a última, que ganha força a partir dos anos 1990, voltada às discussões sobre sustentabilidade ambiental e ao desenvolvimento local...(Saquet, 2020, p. 15)

Nesse contexto, a contribuição de Saquet (op. cit) perpassa por essas análises aprofundadas em torno das abordagens do conceito de território, sendo importante mencionar que para ele o conceito de território passa a ganhar mais centralidade a partir do movimento de renovação da geografia ocorrido entre os anos 1950 e 1960, com autores como Pierre George, Pierre Monbeig, Yves Lacoste, David Harvey, Massimo Quaini, Giuseppe Dematteis, Claude Raffestin, Paul Claval, Horácio Capel, Jean Gottmann, Milton Santos, Manuel Correia de Andrade, entre outros.

Dentro desse quadro de renovação, destacaremos também a perspectiva de Milton Santos em relação ao conceito de território, autor que tem como conceito principal o de espaço<sup>4</sup>, mas que publicou obras que analisaram e influenciaram reflexões em torno do conceito de território, contribuindo para a expansão dos estudos centrados nos conceitos de território e territorialidade. (Saquet, 2020)

Nessa perspectiva, uma de suas análises em torno do conceito pode ser encontrada no livro “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal” em que o autor traz sua concepção em torno do conceito:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. (Santos, 2019, p. 96-97)

---

<sup>3</sup> Esta segunda classificação proposta por Saquet (2020) foi construída pelo autor através da análise de obras de autores como Giuseppe Dematteis, Vagaggini, Deleuze e Guattari, Massimo Quaini, Claude Raffestin, Jean Gottmann, Edward Soja, Indovina e Calabi, Umberto Eco, entre outros. Cada um desses autores tem ligações com uma ou mais de uma destas tendências, fato que pode ser verificado na introdução do livro “Abordagens e concepções de território”.

<sup>4</sup> A fim de maiores pormenores, verificar Saquet (2020).

Assim, a abordagem proposta por Milton Santos inclui, além da natureza e dos objetos construídos pelo homem, os usos que a população faz do território<sup>5</sup>, sendo ele considerado a base sobre a qual a vida da sociedade ocorre. Ademais, Santos (1998) analisa que há um novo funcionamento do território baseado nas horizontalidades e verticalidades, em que a informação cumpre o papel central de ligar as partes do território.

Segundo o autor, referindo-se à população e ao território, “um faz o outro”, ou seja, há na proposta de Milton Santos uma perspectiva dialética para compreensão da construção do território a partir de seu uso pela população. (Santos, 2019)

De acordo com Saquet (2020), a proposta de Milton Santos em torno do território, no âmbito do *território usado*, perpassa uma abordagem econômico-material, que amplia a reflexão além da concepção areal ou a restrita ao Estado-Nação, podendo ser compreendido como espaço geográfico socialmente organizado. Ademais, destaca que para Milton Santos o uso do território é o caracterizador principal desse conceito.

Por fim, destacamos o pensamento de Sposito (2004) acerca do conceito de território, em que para ele, assim como Raffestin (1993), ocorrem grandes imprecisões teórico-conceituais por pesquisadores que confundem os conceitos de espaço e território por não possuírem leituras aprofundadas na temática. Além disso, Sposito (2004, p.111) afirma que o conceito de território não pode ser analisado a-históricamente, ou seja, a categoria tempo é essencial para a sua compreensão. De acordo com ele, o território é:

...fonte de recursos e só assim pode ser compreendido quando focado em sua relação com a sociedade e suas relações de produção, o que pode ser identificado pela indústria, pela agricultura, pela mineração, pela circulação de mercadorias, etc., ou seja, pelas diferentes maneiras que a sociedade se utiliza para se apropriar e transformar a natureza. (Sposito, 2004, p. 112-113)

Além dessa ótica do conceito de território, Sposito (op. cit) aponta, nos momentos finais de sua discussão acerca do conceito, a importância dele na atualidade, enfatizando principalmente a sua ligação com aspectos econômicos e políticos. Segundo ele:

O território, enfim, condição básica e referência histórica para a consolidação e expansão do sistema capitalista, permanece com sua importância como suporte e como materialização das relações sociais de produção, exprimindo com muita força ainda seu caráter político. (Sposito, 2004, p. 116)

---

<sup>5</sup> Para Santos (1998), o território são formas, todavia o território usado são os objetos e ações, podendo ser considerado sinônimo de espaço humano e espaço habitado.

Portanto, através das diferentes concepções e conceituações apresentadas acerca do conceito território, podemos compreender que o conceito possui relevância crescente nos estudos geográficos, através de distintos autores, que o analisaram e analisam por meio de perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas distintas.

Essa ampla variedade de perspectivas em torno do conceito também se cristaliza na geografia agrária e tentar entender como esse processo vem ocorrendo nos estudos agrários é importante para termos um panorama dos papéis que o conceito desempenha tanto no âmbito acadêmico, quanto na perspectiva da análise da realidade. Ainda nesse contexto, daremos continuidade, na sequência, discutindo a presença desse conceito, especificamente na geografia agrária, enfatizando o contexto de seu fortalecimento e a sua importância teórica nos estudos agrários.

### 3 O CONCEITO DE TERRITÓRIO NA GEOGRAFIA AGRÁRIA

O conceito de território, além de grande relevância na geografia, tem marcante presença nos estudos da geografia agrária, visto que é um dos conceitos mais utilizados atualmente na interpretação, compreensão e elucidação da realidade objetiva do campo brasileiro.

Nesse contexto, o conceito de território ganhou destaque na geografia agrária a partir do florescimento das correntes críticas que foram introduzidas no Brasil, as quais passaram a realizar denúncias das injustiças sociais vigentes no quadro socioeconômico e político do Brasil. Nesse contexto, ideias radicais advindas dos Estados Unidos e França repercutiram na produção geográfica brasileira, principalmente, a partir dos anos 1970 e fizeram parte de um conjunto de correntes que passaram a influenciar o pensamento geográfico brasileiro. (Andrade, 2008)

Adicionalmente, Segundo Andrade (2004), com a retomada do conceito nos estudos da geografia política e geopolítica, o território se disseminou e passou a concorrer com conceitos mais tradicionais, como *espaço* e *região*. Nesse contexto de renovação, Manuel Correia de Andrade passa a discutir o conceito de território a partir da ótica das relações de poder, ressaltando que:

O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de determinada área. Assim, deve-se ligar sempre a ideia de território à ideia de poder, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas. (Andrade, 2004, p. 19)

Portanto, a discussão efetuada por Manuel Correia de Andrade acabou por destacar a relação entre poder e território, não restringindo a discussão do território apenas ao contexto dos Estados-Nação. Segundo Sposito e Saquet (2016, p. 100), Manuel Correia “Enfatiza, em sua abordagem, as forças políticas e econômicas na constituição do território. Na dinâmica econômica, reconhece o rompimento das fronteiras pela atuação de grandes empresas.”

Nessa perspectiva de contribuições em relação à abordagem territorial, destacamos que segundo Marques (2018), as discussões efetuadas por Manuel Correia de Andrade, no âmbito dos estudos agrários, marcadas pela excelência das produções e reconhecimento dos pares, acabaram por serem precursoras da geografia agrária crítica no Brasil.

Adicionalmente, Segundo Bombardi (2008) as contribuições advindas da obra de Manuel Correia de Andrade nos estudos agrários introduziram, junto à obra de Orlando Valverde, as raízes do pensamento crítico que tem como base a dialética no Brasil. Nesse contexto, Bombardi (2007, p. 325) destaca que “O legado destes autores é realmente indiscutível, sobretudo quando se considera o salto teórico-metodológico dado com relação à geração anterior. Eles formaram a raiz do pensamento crítico posterior.”

A obra de Oliveira (2001), autor ligado à corrente de pensamento crítica, reforça essa visão, admitindo que o livro *A terra e o homem no Nordeste* foi um marco político na geografia em decorrência da discussão da questão agrária pautada no compromisso social e na transformação da realidade, fato que acabou repercutindo<sup>6</sup> no movimento de renovação crítica da geografia.

Portando, o caráter precursor da produção em geografia agrária de Manuel Correia de Andrade, considerando também a obra de outros autores como Orlando Valverde, acabou abrindo caminho para o florescimento da geografia agrária crítica no Brasil, pautada na preocupação com a transformação da realidade.

É dentro dessa conjuntura que destacamos também a produção de Ariovaldo Umbelino de Oliveira, autor que além de atribuir centralidade ao conceito de território em sua obra, acaba aprofundando o movimento de renovação da geografia agrária crítica.

... um dos primeiros trabalhos de ruptura nos estudos de Geografia Agrária é a tese de doutorado de Ariovaldo Umbelino de Oliveira “Contribuição para o estudo da geografia agrária: crítica ao ‘Estado Isolado’ de Von Thünen”. Este trabalho ‘introduz os conceitos básicos do materialismo histórico e do materialismo dialético, elementos fundamentais para uma introdução crítica às ideologias dos trabalhos desenvolvidos em Geografia Agrária, particularmente no Brasil. (Fernandes apud Bombardi, 2008, p.106)

Nessa perspectiva, Ariovaldo Umbelino de Oliveira<sup>7</sup> acabou contribuindo para o aprofundamento dos estudos geográficos em torno da corrente crítica, especialmente no âmbito da geografia agrária, pautado no materialismo histórico como método utilizado para compreender a realidade. A citação abaixo ilustra bem as contestações da nascente geografia crítica e sua repercussão na geografia agrária.

---

<sup>6</sup> Outros autores apontados nesse movimento de precursão crítica por Oliveira (2001) são Orlando Valverde e Pasquale Petrone.

<sup>7</sup> Vale destacar que “É a partir do método dialético de Marx que Ariovaldo Umbelino de Oliveira elabora e desenvolve sua teoria, concebendo a realidade como ponto de partida e de chegada.” (Bombardi, 2007, p.330)

Nesta ótica é que reputamos da mais significativa importância uma revisão das obras que dão substrato teórico aos trabalhos empíricos (15) desenvolvidos na Geografia, porque a maioria delas (16), limita-se apenas à aplicação à realidade brasileira de esquemas propostos para análises em outras realidades, sem efetuar uma crítica às teorias e conceitos utilizados. Entre estas obras está a de Von Thünen, que é o objeto de nosso estudo. (Oliveira, 2016a, p. 16)

Além disso, no contexto da produção acadêmica de Ariovaldo U. de Oliveira, no que tange às discussões de território, destacamos sua reflexão teórico-conceitual vinculada às disputas entre as classes sociais no modo capitalista de produção. Nesse sentido, analisa que:

...são as relações sociais de produção e o processo contínuo/contraditório de desenvolvimento das forças produtivas que dão a configuração histórica específica ao território. Logo o território não é um prius ou um a priori, mas, a contínua luta da sociedade pela socialização igualmente contínua da natureza. (Oliveira, 2003, p. 13)

Assim, a perspectiva adotada por Ariovaldo Umbelino de Oliveira acerca do território destaca-se como uma concepção ligada ao marxismo e que entende o território como o resultado concreto do processo de luta de classes sociais travada no seio da sociedade capitalista. A análise proposta por Ariovaldo U. de Oliveira acabou corroborando para a consolidação do conceito de território na geografia agrária em decorrência da centralidade que o autor atribuiu ao território ao longo de seus trabalhos. Ainda em relação ao conceito de território, destaca:

Por isso insistimos: temos que aprofundar a diferença que nos move frente a essa luta de cunho teórico, e por isso reafirmamos que o território não pode ser entendido como equivalente, como igual ao espaço, como propõem muitos geógrafos. Nesse caminho, torna-se fundamental compreender que o espaço é uma propriedade que o território possui e desenvolve. Por isso, é anterior ao território. O território por sua vez, é um espaço transformado pelo trabalho, é, portanto, uma produção humana, logo espaço de luta, de luta de classes ou frações de classes. Por causa de todas as relações que envolve, inscreve-se no campo do poder, sendo, pois, o lugar da luta cotidiana da sociedade pelo seu devir histórico. (Oliveira, 2016b, p; 20-21)

A abordagem proposta por Oliveira (2016b) dialoga com pensadores que contestam a equiparação que alguns geógrafos atribuem a espaço e território. Para o autor, o território é posterior ao espaço, fruto da transformação impressa pelo homem no espaço, ou seja, por meio do trabalho, assim, constitui uma construção humana. Outro ponto importante do conceito proposto pelo autor é a vinculação do conceito com a noção de poder, perspectiva que também é adotada por outros teóricos, como Raffestin (1993).

Neste contexto, é importante apontarmos que a proposta de Raffestin (1993), em torno do conceito de território, acabou influenciando<sup>8</sup> a discussão feita por Ariovaldo Umbelino de Oliveira em

---

<sup>8</sup> Segundo Oliveira (2005, p. 74): “Meus trabalhos refletem essa corrente que tem no estudo do *território* o tema central da investigação em geografia. Sigo autores como Lefèbvre<sup>59</sup>, Calabi e Indovina<sup>60</sup>, Raffestin<sup>61</sup>, Gottdiner<sup>62</sup>, Coraggio<sup>63</sup>, Quaini<sup>64</sup>, Chesnais<sup>65</sup> e Lacoste<sup>66</sup> entre outros.”

relação à sua abordagem conceitual de território. O trecho abaixo esclarece essa relação teórica, de acordo com Sposito e Saquet:

Em síntese, Oliveira (1991, 1999) elabora uma abordagem relacional e múltipla do território, destacando os processos econômicos e políticos, reconhecendo a relação área-rede no processo de controle/monopólio do território, com significativa influência da concepção de Claude Raffestin.” (Sposito; Saquet, p. 105-106, 2016)

Ainda na perspectiva da geografia agrária, um dos autores que têm dado grande destaque em sua produção científica ao conceito de território é Bernardo Mançano Fernandes, que no estudo do desenvolvimento territorial no campo, destaca a importância das diferentes conceituações de território como elementos que implicam na adoção de políticas públicas destinadas ao campesinato ou ao agronegócio<sup>9</sup>.

Ademais, Fernandes (2013) destaca inclusive que a definição do conceito de território configura uma relação de poder que deve ser constantemente debatida. Assim, Fernandes (2009), em um artigo intitulado “Sobre a tipologia dos territórios”, expõe sua concepção acerca da importância desse conceito para essa ciência, além de especificar apontamentos acerca de sua tipologia.

Nessa tipologia, o primeiro território seria o espaço de governança da nação, dentro dele surgiriam também outros territórios provenientes das relações sociais. O segundo corresponderia ao território propriedade, que compreende a diversidade e possibilidade de tipos de propriedades. Por fim, o terceiro corresponde à multiterritorialidade do segundo no primeiro território, indo inclusive, além das escalas nacionais.

Para Fernandes (2009), relações e classes sociais produzem diferentes territórios e espaços que as reproduzem em uma conflitualidade constante. Além disso, segundo o autor, o conceito de território pode ter duas concepções distintas, na primeira delas, podendo ser compreendido unicamente como espaços de governança como forma de ocultar os múltiplos territórios e de perpetuar a subalternidade entre relações e territórios dominantes e dominados.

Além dessa concepção, outra existente, adotada pelo autor, é conceber o território como espaços de governança, mas reconhecendo os outros tipos de territórios, fixos, fluxos, materiais e imateriais que são originados pelas relações sociais e pelas classes sociais. É a partir desse prisma que Fernandes (2009) reflete acerca da tipologia para os territórios, em primeiro, segundo e terceiro territórios.

---

<sup>9</sup> A fim de aprofundamento teórico, o detalhamento acerca do conceito de agronegócio pode ser verificado em Pompeia (2021), o qual analisa que a origem desse conceito deriva da discussão sobre agribusiness efetuada pelos pesquisadores da Universidade de Harvard John Davis e Ray Goldberg. Além disso, para maiores pormenores do conceito na ótica da geografia agrária, verificar Mendonça (2013).

No âmbito da análise da importância do conceito de território na geografia, Fernandes (2009), destaca que a compreensão dele é de grande relevância para o entendimento das disputas territoriais geradas pela expansão das políticas neoliberais e para o processo de espoliação que pode ser compreendido como um processo de desterritorialização.

Já ao discutir a sua base para sua compreensão de território, destaca a definição de Claude Raffestin de que o espaço é anterior ao território, além de compreender que o processo de formação de territórios sempre ocorre com a fragmentação do espaço. Ainda nessa perspectiva teórica, Fernandes (2009) menciona que o território possui como princípios: soberania, totalidade, multidimensionalidade, pluriescalaridade, intencionalidade e conflitualidade.

Em suas análises, Bernardo M. Fernandes compreende que a negação do atributo da multidimensionalidade dos territórios é usada para que os territórios sejam utilizados como meios de controle social, a fim de que as comunidades camponesas sejam submetidas aos modelos de desenvolvimento preconizados pelas transnacionais. No quadro dos estudos agrários, de acordo com Fernandes (2013), a luta pela terra executada pelos camponeses constitui em uma luta por um tipo específico de território: o território campesino.

Ademais, explica que as relações sociais desenvolvidas por propriedades não capitalistas e por propriedades tipicamente capitalistas são distintas e promovem modelos de desenvolvimento divergentes, assim como territórios respectivamente díspares. Em sua tipologia, esses dois tipos de propriedade privadas constituem o segundo território e disputam o primeiro território (nacional). Portanto, na discussão acerca do desenvolvimento territorial no campo, Bernardo M. Fernandes aponta, entre outras questões, a importância do conceito de território, suas significações e sua utilização para políticas públicas destinadas ao campo.

Não obstante, dentro do campo da história do pensamento geográfico, como já apontamos, outra corrente de pensamento que também tem dado contribuições importantes em torno da abordagem do conceito de território e vem tendo destaque nos últimos anos na influência em trabalhos ligados à geografia agrária brasileira é a geografia cultural.

Conforme Claval (2011), a geografia cultural não é exatamente uma novidade no pensamento geográfico, mas fez e faz parte de sua história. Essa perspectiva é partilhada por outros autores, como Cosgrove (1998), pensador que também aponta a geografia cultural não especificamente como algo novo no pensamento geográfico, tendo em vista que autores da geografia clássica, como Vidal de La Blache e Carl Sauer são considerados figuras-chave no início da geografia cultural europeia e americana, respectivamente.

Assim, dentro do contexto específico da geografia agrária brasileira, a abordagem cultural tem dado significativas contribuições, inclusive no campo dos estudos relacionados às pesquisas dos

territórios povos e comunidades tradicionais. Portanto, a fim de introduzir a discussão trazida por essa abordagem em torno do conceito de território, trazemos a proposta de Almeida (2005) que, em obra dedicada à análise da relação entre territórios, fronteiras e territorialidades, destaca importantes atributos do território, que vão além dos aspectos econômicos, sociais e políticos, como podem ser verificados a seguir:

Como organização do espaço, pode-se dizer que o território responde, em sua primeira instância, a necessidades econômicas, sociais e políticas de cada sociedade e, por isso, sua produção está sustentada pelas relações sociais que o atravessam. Sua função, porém, não se reduz a essa dimensão instrumental; ele é também objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções de mundo. (Almeida, 2005, p. 108).

Portanto, partindo da análise proposta de Almeida (2005), destacamos que o território possui algumas atribuições, respondendo em um primeiro momento a necessidades básicas dos níveis econômico, político e social em que se assenta as relações sociais. Sem embargo, a pensadora chama atenção para o fato de que o território e suas atribuições vão além dessas dimensões, perpassando pela perspectiva simbólica e cultural, na qual os sujeitos projetam suas visões de mundo e que o território se pluraliza de acordo com escalas e níveis que são historicamente construídos e sedimentados, abarcando distintas escalas. Aprofundando o debate em torno do território, a autora destaca que:

Como também já dissemos, território ele o é, para aqueles que têm uma identidade territorial com ele, o resultado de uma apropriação simbólico-expressiva do espaço, sendo portador de significados e relações simbólicas. Bonnemaizon e Cambrezy (1997; p. 10) consideram que “o vigor do laço territorial revela que o espaço é investido de valores não somente materiais mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos”. A cultura, portanto, inscreve-se assim no território, deixando marcas pela história e pelo tra-balho humano ... (Almeida, 2005, p.109).

Assim, a pesquisadora trilha um caminho de entendimento do território a partir de uma apropriação simbólico-cultural expressiva do espaço, que é portador de significados e relações simbólicas. Essa abordagem do conceito lembra bastante a concepção que Haesbaert (2019) identificou como Cultural ou simbólico-cultural, a qual prioriza a dimensão simbólica e subjetiva, sendo o território compreendido nessa perspectiva como resultado da apropriação ou valorização simbólica de um determinado grupo em relação ao seu espaço vivido.

Essas propostas em torno do conceito de território têm repercutido no campo da geografia agrária, inclusive, em pesquisas publicadas que se debruçam sobre a análise dos conflitos, lutas e dinâmicas em que estão inseridos os povos e comunidades tradicionais e o campesinato, mostrando a centralidade do território no estudo de questões como a luta pela terra e, nos termos de Deleuze e Guattari (2010), evidenciando a capacidade dos conceitos de não apenas servirem para entender a realidade, mas para transformá-la.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito das conclusões da pesquisa, detectamos a presença de uma ampla diversidade de concepções e abordagens do conceito de território a partir da ótica de inúmeros autores. Todavia, a presença de perspectivas que considerem a multidimensionalidade da constituição dos territórios e a perspectiva relacional no campo das relações de poder foram relevantes no levantamento analisado.

Outra questão importante no âmbito dos resultados é a verificação de uma tendência que vem delineando-se, ao longo dos últimos anos, no campo da geografia agrária que é a obtenção de maior centralidade do conceito de território em pesquisas que voltam seus olhares para o agrário, a partir, principalmente, das perspectivas vinculadas à geografia agrária crítica e a geografia agrária com foco na abordagem cultural. Ademais, cabe destacar que os resultados apresentados nesta pesquisa não estão acabados, mas estão em processo de construção e resultam, parcialmente, de pesquisas realizadas na graduação e na pós-graduação.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. de. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da Geografia Cultural. Geonordeste, Aracaju (edição especial), ano XIX, n.1, p.33-54,, julho de 2008.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Fronteiras, territórios e territorialidades. Revista da ANPEGE, v. 2, n. 02, p. 103-114, 2005.
- ANDRADE, M. C. de. *A questão do território no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2004. 135 p.
- ANDRADE, M. C. de. *Geografia: ciência da sociedade*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. 245 p.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2022.
- BOMBARDI, L. M. Contribuição à historiografia da Geografia Agrária na Universidade de São Paulo. AGRÁRIA, São Paulo, no SAQUET, M. A. Abordagens e concepções de território. Rio de Janeiro, RJ: Consequência editora, 2020, 244 p. 8, p. 99-121, 2008.
- BOMBARDI, L. M. A dialética e a geografia agrária na obra de Ariovaldo Umbelino de Oliveira. In: FERNANDES, B. M; MARQUES, M. I. M; SUZUKI, J. C. Geografia agrária: teoria e poder. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007, p. 315-337.
- BORDO, Adilson Aparecido et al. As diferentes abordagens do conceito de território. Disponível em: < <https://gpect.files.wordpress.com/2013/11/as-diferentes-abordagens-do-conceito-de-territc3b3rio.pdf> >. Acesso em 17 de julho de 2024.
- CLAVAL, Paul. Geografia Cultural: Um Balanço. Geografia, Londrina (PR), v. 20, n. 3, p. 05-24, set./ dez. 2011.
- CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. Geographia, Niterói, UFF, Programa de Pós-graduação em Geografia, ano 1, n. 2, 1999.
- COSGROVE, Denis E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. Espaço e cultura, n. 5, p. 5-29, 1998.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 2010. 271 p.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. *Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico*. 2013. 2v. Tese (Livre-docência) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade Ciências e Tecnologia, 2013.
- FERNANDES, B. M. Sobre a tipologia dos territórios. In: SAQUET, M. A; SPOSITO, E. S. TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES: TEORIAS, PROCESSOS E CONFLITOS. São Paulo: Expressão Popular, p. 197-215, 2009.
- HAESBAERT, R. da Costa. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019. 395 p.

HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia* - Ano IX - No 17 – 2007, P. 19 -46. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531/8731>. Acesso em 01 de julho de 2024.

MARQUES, M. I. M. Geografia agrária crítica: um pouco de história. *Geosp – Espaço e Tempo* (Online), v. 22, n. 3, p. 504-514, dez. 2018.

MENDONÇA, Maria Luisa Rocha Ferreira de. Modo capitalista de produção e agricultura: a construção do conceito de agronegócio. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. O retorno do território. In: *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1998, 332 p.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2019, 174 p.

SOUZA, J.G. de. Limites do território. *AGRÁRIA*, São Paulo, nos 10/11, pp. 99-130, 2009. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/agraria/article/view/155/155> >. Acesso em 10 de julho de 2024.  
SPÓSITO, Eliseu S. *Geografia e Filosofia: Contribuições para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Edunesp, 2004, 218 p.

SPÓSITO, E. Savério; SAQUET, M. A. O conceito de território no Brasil: entre o urbano e o rural. *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente*, n.38, v.2, p.84-112, ago./dez.

OLIVEIRA, A. U. de. *A agricultura camponesa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001, 164 p

OLIVEIRA, A. U. de. *A Fronteira Amazônica Mato-grossense: Grilagem, Corrupção e Violência*. São Paulo: Iandé Editorial, 2016a, 426 p. Disponível em:<<https://agraria.fflch.usp.br/sites/agraria.fflch.usp.br/files/A%20FRONTEIRA%20AMAZ%20C3%94NICA%20MATO%20GROSSENSE.pdf>>. Acesso em 28 de agosto de 2021.

OLIVEIRA, A. U. de. A geografia agrária e as transformações recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, A. F. (Org.). *Novos caminhos para a geografia*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 112– 115.

OLIVEIRA, A. U. de. *Crítica ao “Estado isolado” de Von Thünen: Contribuição para o estudo da Geografia Agrária*. São Paulo: Iandé Editorial, 2016b, 530 p. Disponível em:<<https://agraria.fflch.usp.br/sites/agraria.fflch.usp.br/files/CR%20C3%8DTICA%20AO%20ESTADO%20ISOLADO%20DE%20VON%20THUNEN.pdf>> .Acesso em 01 de agosto de 2024.

OLIVEIRA, A. U. de. Geografia Agrária: perspectivas no início do Século XXI “Perspectivas da Geografia Agrária” no II Simpósio Nacional de Geografia Agrária/ I Simpósio 12 Internacional de Geografia Agrária – “O Campo no Século XXI”, realizado em São Paulo, 05 a 08/11/2003

POMPEIA, C. *Formação política do agronegócio*. São Paulo: Elefante, 2021,392 p.